vinetur

Receitas das exportações de vinho de Portugal caíram 6,2% no primeiro semestre de 2026

A quebra foi impulsionada pela descida das vendas em recipientes com menos de dois litros, com oito dos 10 principais mercados de Portugal a reduzirem as compras

sexta-feira, 13 de novembro de 2026



As receitas das exportações de vinho de Portugal caíram no primeiro semestre de 2026, uma vez que a quebra nas vendas de vinhos acondicionados superou os aumentos nas categorias bag-in-box e espumantes, e oito dos 10 maiores mercados do país em valor compraram menos.

Portugal exportou vinho no valor de 421,74 milhões de euros entre janeiro e junho de 2026, menos 6,2% do que no mesmo período de 2025, segundo uma análise da Organização Interprofissional do Vinho de Espanha, conhecida como OIVE, com base em dados aduaneiros portugueses. O volume exportado caiu 8,3%, para 154,63 milhões de litros. O preço médio de exportação subiu 2,3%, para 2,73 euros por litro, sobretudo devido ao aumento dos preços do vinho a granel, apesar da forte quebra nos envios.

A descida concentrou-se nos vinhos acondicionados, a componente que representa a maior parte das receitas de exportação de Portugal. Os produtos acondicionados, que nesta classificação incluem espumantes e formatos bag-in-box, geraram 400,50 milhões de euros no primeiro semestre, menos 5,8%. O volume recuou 4,7%, para 130,76 milhões de litros, enquanto o preço médio baixou 1,2%, para 3,06 euros por litro.

Este grupo representou cerca de 95% do valor total das exportações portuguesas de vinho, o que significa que o seu desempenho determinou em grande medida a evolução do setor. Dentro deste grupo, o vinho expedido em recipientes com menos de dois litros continuou a ser a categoria dominante, mas também registou a maior quebra. As receitas deste segmento caíram 6,8%, para 370,63 milhões de euros, enquanto o volume diminuiu 5,9%, para 113,03 milhões de litros. O preço médio recuou 0,9%, para 3,28 euros por litro. Como esta categoria, por si só, representou quase 88% das receitas totais das exportações portuguesas de vinho, a sua quebra teve um impacto generalizado no resultado global do país.

O relatório indica que a descida das vendas de vinhos em recipientes de menor dimensão não pôde ser compensada pelo melhor desempenho de outros formatos de vinhos acondicionados. O vinho em bag-in-box, que abrange formatos entre dois e 10 litros, seguiu a tendência oposta. As receitas aumentaram 7,6%, para 25,01 milhões de euros, o volume subiu 3,7%, para 16,96 milhões de litros, e o preço médio também cresceu 3,7%, para 1,47 euros por litro.

Os espumantes também registaram aumentos, embora com preços médios mais baixos. As exportações desta categoria atingiram 4,87 milhões de euros, mais 7,4%, e o volume cresceu 10,8%, para 770 mil litros. O preço médio caiu 3,1%, para 6,30 euros por litro, mantendo-se ainda assim o mais elevado entre as categorias abrangidas pelos dados.

Ainda assim, os espumantes e o vinho em bag-in-box geraram, em conjunto, 29,88 milhões de euros, menos de 8% das receitas dos vinhos acondicionados. O crescimento foi demasiado reduzido, em termos absolutos, para compensar a quebra dos vinhos vendidos em garrafas ou noutros recipientes com menos de dois litros.

O vinho a granel registou uma quebra mais acentuada em termos percentuais. As receitas diminuíram 12,1%, para 21,24 milhões de euros, enquanto o volume caiu 23,9%, para 23,86 milhões de litros. O preço médio subiu 15,5%, para 0,89 euros por litro, atenuando o impacto nas receitas, mas sem inverter a descida. O vinho a granel representou cerca de 5% do valor total das exportações, face a 15,4% dos litros expedidos, o que evidencia a sua menor contribuição para as receitas por unidade.

O desempenho do primeiro semestre prolongou também uma tendência mais ampla de descida das exportações de vinhos acondicionados. De acordo com a série histórica citada no relatório, o resultado de 2026 foi o mais baixo, tanto em valor como em volume, em qualquer primeiro semestre entre 2021 e 2026. As receitas das exportações de vinho acondicionado situaram-se em 435,3 milhões de euros no primeiro semestre de 2024, antes de caírem para 425,3 milhões de euros em 2025 e 400,5 milhões de euros em 2026. O volume seguiu a mesma tendência, recuando de 139,3 milhões de litros em 2024 para 137,2 milhões em 2025 e 130,8 milhões em 2026.

Por destino, os 10 principais mercados representaram 284,5 milhões de euros, ou cerca de 67,5% das receitas totais das exportações portuguesas de vinho. França manteve-se como o maior mercado em valor, com compras de 46,1 milhões de euros, mas este valor ficou 9,3% abaixo do registado um ano antes. Os envios para França caíram 7,7%, para 14,8 milhões de litros, o que sugere um retorno médio por litro inferior ao do primeiro semestre de 2025.

Os Estados Unidos ficaram em segundo lugar em valor, com 40,7 milhões de euros, menos 11,9%, enquanto o volume recuou 5,2%, para 11 milhões de litros. Os EUA foram, assim, um dos principais fatores para a descida das exportações portuguesas no período. França e Estados Unidos reduziram, em conjunto, as compras em cerca de 10 milhões de euros, com base nas taxas de descida indicadas.

O Brasil quase igualou os EUA em valor. As exportações portuguesas de vinho para o Brasil aumentaram 1,6%, para 39,4 milhões de euros, enquanto o volume subiu 3,6%, para 12,9 milhões de litros. O Brasil ficou, assim, apenas 1,3 milhões de euros atrás dos EUA no ranking por valor. Angola foi o outro mercado do top 10 a registar um aumento

das receitas. As vendas para o país cresceram 6,6%, para 25,1 milhões de euros, e o volume aumentou 12,6%, para 20,5 milhões de litros, tornando Angola o maior mercado de vinho português em volume no primeiro semestre.

Os diferentes padrões dos mercados mostram que o aumento dos envios nem sempre se traduziu em maiores receitas. O Reino Unido comprou mais vinho português em volume, com os envios a subirem 1,1%, para 9,5 milhões de litros, mas a despesa recuou ainda assim 0,9%, para 31,5 milhões de euros. Nos Países Baixos verificou-se a mesma tendência. As receitas caíram 1,4%, para 23 milhões de euros, apesar de o volume ter aumentado 2,6%, para 7,1 milhões de litros. Em ambos os países, a descida do valor médio por litro parece ter anulado o efeito do aumento do volume.

Vários outros mercados importantes registaram descidas tanto em valor como em volume. O Canadá importou vinho português no valor de 22,1 milhões de euros, menos 8,2%, enquanto o volume caiu 6,2%, para 5,9 milhões de litros. A Alemanha comprou 20,4 milhões de euros, menos 11,5%, e o volume diminuiu 19,7%, para 8,5 milhões de litros. A quebra mais acentuada em litros do que em receitas sugere um valor médio por litro mais elevado na Alemanha, mas não o suficiente para evitar uma descida das receitas totais. A Polónia importou vinho português no valor de 19 milhões de euros, menos 6,7%, com o volume a recuar 3,2%, para 8,3 milhões de litros. A Bélgica completou os 10 principais mercados por valor, com 17,2 milhões de euros, uma descida de 6,5%.

O relatório destacou também Espanha como o mercado que registou a maior quebra de volume entre os principais destinos de Portugal, considerando os litros expedidos. As exportações para Espanha caíram 65,1%, para 5,2 milhões de litros no primeiro semestre de 2026, face a cerca de 14,9 milhões de litros um ano antes. Espanha não figurava entre os 10 principais mercados por valor, mas a dimensão da quebra em volume fez deste país uma das mudanças mais acentuadas no mapa das exportações portuguesas durante o período.

A OIVE afirmou que os números provêm de dados aduaneiros portugueses compilados através do Trade Data Monitor e comparam o período de janeiro a junho de 2026 com os mesmos meses de 2025. Os dados apontam para um setor sob pressão devido à descida das vendas no seu principal segmento de vinhos acondicionados e à menor

procura na maioria dos seus maiores mercados de exportação, apesar de alguns destinos, como o Brasil e Angola, continuarem a crescer.